

**NOTAS DE UM EDUCADOR POPULAR EM LOS ANGELES
(UMA LEITURA DO MUNDO DOS IMIGRANTES LATINO-AMERICANOS
NO SUL DA CALIFÓRNIA)***

Peter Lownds**

RESUMO: O presente artigo surgiu a partir do meu trabalho com adultos imigrantes, ensinando-lhes inglês como segunda língua. Tento aplicar o método freireano em meu ensino e, apesar dos conflitos vivenciados pelos alunos e da dificuldade de interação, o ambiente da sala de aula constrói-se e a prática inicia-se, valorizando e respeitando a identidade e a cultura dos aprendizes.

PALAVRAS-CHAVE: Adultos. Imigrantes. Latino-americanos. Los Angeles.

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra”

Paulo Freire

O meu contato original com a pedagogia de Paulo Freire foi rápido, mas inesquecível. Eu estava mandando uma carta pelo correio central do Recife, quando um amigo brasileiro me mostrava uma cópia bastante usada da sua cartilha famosa. Eu me lembro que estava ilustrada com algo que me pareciam xilogravuras, como as capas dos livros de cordel que tinha visto em Caruaru e que falavam da injustiça das relações entre os fazendeiros e os camponeses em frases diretas e afirmativas. Mas não tive tempo de dar mais de uma olhada, pois o meu amigo ficou nervoso e escondeu-a de novo no bolso, uma vez que havia recém-chegado, em Pernambuco, um voluntário do “Corpo da Paz” de Kennedy. Era 1966. Os militares tinham derrubado o governo popular de João Goulart dois anos antes e Castelo Branco já estava tomando conta do Brasil. Paulo Freire tinha ido para novos campos de luta no Chile. Enquanto isso, no Brasil seu abecedário representava posse temerária com a qual ninguém queria ser apanhado. Apesar disso, meu amigo pretendia me mostrar que algo esperançoso tinha sido gerado nesta cidade abafada, de ruas cheias de mendigos e aleijados, crianças famintas e a presença ameaçadora da polícia militar.

Trinta e sete anos depois, moro na cidade bimilenar de Los Angeles, a nova Babel da América, sobre cujo litoral árido a onda mais recente de imigração está inchando como um *tsunami*. Agora ensino Inglês como Segunda Língua (ESL) em salas de aula cheias de imigrantes latino-americanos. Tento aplicar o método freireano ao meu ensino: dispenso os textos multiculturais em favor de diálogos coloquiais e ensaios biográficos, crio círculos de leitura e trago codificações de palavras geradoras. Tento, também, abrir a porta da aula pelo mundo afora, deixando entrar a dura realidade dos alunos: a saudade, a desgraça e a precariedade da vida que eles encontram por todo canto.

Como escrever sobre novas aplicações do credo freireano num lugar e numa hora em que a passagem recente da proposição 209 isentou o Estado da Califórnia de dar tratamento preferencial a “qualquer indivíduo ou grupo de raça, sexo, cor, etnia ou origem nacional, com respeito a emprego público, educação pública ou contratos públicos”? A megalópole atual de Los Angeles está pronta para um trabalho de conscientização.

No bairro de aproximadamente sete quilômetros quadrados, onde eu moro e trabalho, há meio milhão de pessoas, a maioria imigrantes de proveniência mexicana, salvadorenha e guatemalteca. É

* Este ensaio está dedicado ao amigo-irmão José Ataíde, historiador olindense das festas populares, homem do povo, compositor e há mais de trinta anos meu correspondente, informante e inspirador.

** Peter Lownds é educador, escritor, tradutor e consultor na área de comunicação. Obteve mestrado em estudos latino-americanos na UCLA, no ano 1997. Atualmente é candidato a doutor em Educação Comparada na mesma instituição.

um dos bairros mais populosos da nação inteira e um dos poucos lugares nessa coleção de subúrbios em busca de uma cidade, em que haja vida nas ruas. Aqui, coreanos, armênios, tailandeses, etíopes, bengalis e monges budistas vietnamitas acrescentam cores e sabores exóticos ao já rico *menudo*¹ mexicano e centro-americano. Mulheres salvadorenhas vendem em tabuleiros *pupusas*, panquecas espessas e recheadas de feijão preto, e *champurrado*, uma bebida doce feita de milho e canela. Todo mundo come *elotes*, espigas de milho cobertas de maionese, queijo ralado e pimenta picante. O arame das cercas serve para pendurar a roupa de segunda mão, das feiras não oficiais dos fins de semana, junto com grandes ramos de bonitas flores brancas e comestíveis, chamadas *lorocos*, que fazem as *pupusas* ainda mais gostosas.

À noite, as vias principais do bairro, as avenidas Vermont, Normandie e Western estão cheias de carros e cartazes iluminados que festejam a presença coreana: *mini-shoppings* repletos de restaurantes, salões de sinuca, botequins de *karaoke* para a mocidade cantar e grandes campos sintéticos de golfe, onde seus pais praticam os lances sob as luzes. As muitas boates coreanas têm nomes exóticos: *Casablanca*, *Rembrandt*, *La Vie en Rose*. Como contraste, a presença *latina* é soturna. Clássicos automóveis americanos restaurados, brilhando de cera e com molas especiais para que os chassis fiquem baixos, fazem uma fila lenta nos bulevares, ressoando a música *norteña*. Grupos de jovens carecas e cheios de tatuagens vadiam nas esquinas escuras até que o som de tiros invade a noite e os helicópteros da polícia descem como urubus barulhentos para mexer na carne verde dos seus delitos. Eis o território dos *pandilleros*, gangues de narcotraficantes e ladrões de automóveis que têm marcado as suas vizinhanças com grafites para todo mundo saber que, aqui, o vício é rei.

A manhã vem cedo. No templo budista, os monges nos seus mantos cinzentos estão acordados muito antes de o sol nascer, cantarolando os sutras ao som da batida do *mokojo*² de madeira e o gongão melodioso. *Tempranitos* também são os trabalhadores das fábricas. No distrito das fábricas de tecidos a labuta começa às seis. Milhares de homens e mulheres latino-americanos saem rumo aos *sweatshops* e armazéns da maior indústria de vestidos fora de Nova Iorque. Aí eles agüentam o barulho constante dos motores a jato das grandes máquinas cortadoras, empacotam e desempacotam os fardos de tecidos, carregam e conduzem os caminhões, fazem e refazem os padrões dos trajes e inclinam as cabeças para a costura. Ao mesmo tempo, os ônibus estão indo para o lado oeste da cidade, até Beverly Hills e às praias de Santa Mônica e Malibu, com um exército de empregadas domésticas, mães e avós do México e América Central. Elas vão limpar as casas, lavar e dobrar a roupa e cuidar das criancinhas dos *gabachos*, como elas chamam os brancos que, em menos de cento e cinquenta anos, viraram os donos de grande parte da Califórnia. O transporte público de Los Angeles é inadequado: os ônibus vêm esporadicamente e levará anos para o prometido projeto do metrô estar concluído. Aqui, o automóvel é uma necessidade, mas a grande maioria dessas senhoras não sabe dirigir. Apesar disso, ganham mais por hora do que os trabalhadores da fábrica e, dentro de pouco tempo, as mais diligentes guardarão dinheiro suficiente (mesmo com as remessas constantes para as famílias longínquas), para comprar um carrinho. Seus maridos, filhos e irmãos (os que não estão nas fábricas) vão fazer trabalho de jardim nos quintais luxuriantes da gente abastada. Alguns deles passam as manhãs podando árvores e tosquiando cercas e ainda fazem um turno suplementar na fábrica. Mais recentemente, desde o acordo do Mercado Comum da América do Norte (NAFTA), muitas das grandes fábricas atravessaram a fronteira mexicana, terceirizando a mão-de-obra e obtendo a produção por apenas uma fração do salário, da mesma população sofrida da qual os imigrantes fazem parte. As ironias da pós-modernidade aqui se desenvolvem com uma histórica rapidez.

Os sociólogos notam que os imigrantes adultos usam o seu idioma pátrio em casa e no trabalho, transmitindo-o aos filhos bilíngües que, depois de alguns anos na escola e diante da televisão, respondem aos pais na língua local. Já na terceira geração, os netos dos imigrantes estão falando

¹ Uma sopa feita com tripas de vaca.

² Um pequeno tambor de madeira que marca o compasso das cantigas.

puro inglês e querendo saber por que a vovozinha tem tanta dificuldade de entendê-los. Embora essa mudança de idioma entre os hispânicos pareça ser adiada tanto pelo orgulho étnico dos *hispanohablantes* como pela proximidade do México, ela existe, cresce e eventualmente pode rasgar o tecido conectivo das famílias dos imigrantes. Essa ameaça é uma das forças que impulsionam os imigrantes aos programas de ESL.

Tenho ensinado “inglês como segundo idioma” aos adultos por mais de uma década. Durante esse período, trabalhei com coreanos, russos, japoneses e uma mistura de europeus do oeste, a maioria se preparando para os exames TOEFL (Teste de Inglês como Língua Estrangeira) e GMAT (Graduate Management Admission Test), a fim poderem entrar em universidades norte-americanas. A condição acadêmica dos latino-americanos em L.A. é fundamentalmente diferente, pois estes não vêm com base educacional. A experiência escolar prévia dos estudantes adultos nas classes públicas é, em média, de três ou quatro anos. Além disso, eles têm estado nos Estados Unidos por mais tempo, às vezes até quinze ou vinte anos, falando somente espanhol e sonhando em voltar para a terra natal. Aposentar-se nas suas pátrias, morar em casas construídas com a ajuda das remessas e gozar de uma vida mais simples do que aquela que L.A. lhes ofereceu, parece ser a meta da maioria.

Muitas das mulheres estão separadas dos pais das suas crianças e poucas das mais experientes desejam formar novas uniões. A maternidade *tempranita* e o machismo, muitas vezes brusco dos seus parceiros, têm matado o interesse pelo recasamento. As que permanecem casadas são *amas de casa*, relegadas ao cuidado da menina e à manutenção do doce lar. A síndrome do “ninho vazio”, tão comentada entre os americanos de classe média para cima, é quase inexistente num mundo de famílias estendidas de várias gerações em que as filhas e os filhos moram em casa, enquanto constroem as suas próprias famílias. Não obstante, algumas das mães veteranas se queixam amarguradas por permanecerem na função de criadas perpétuas dos maridos e filhos bilíngües que falam só espanhol ao seu redor. Sem poder dirigir automóveis e vinculadas ao bairro pela falta de inglês, elas ficam desanimadas, ganham peso e estão entre as mais difíceis de estimular o estudo. Já os homens, recém-chegados e separados das suas famílias, têm um forte estímulo pela persistência no trabalho e na escola para se tornarem cidadãos e, assim, obterem a meta desejada da reunificação familiar.

O diálogo é sempre de cunho pessoal: trata-se de comunicação verbal entre duas ou mais pessoas sobre algo suficientemente compulsivo para prolongar a conversa. Uma das coisas que acho desconcertante na maioria dos textos usados nas aulas de ESL, nas escolas adultas de Los Angeles, é que os diálogos, desde o nível mais elementar, são sempre “politicamente corretos”: destacam um padrão nacional e racialmente integrado, empregado, educado e suavemente articulado, que fala somente dos assuntos seguros — a escola, o tempo, o tráfego, o trabalho. Também é de um ponto de vista incorrigivelmente otimista, que não tem nada a ver com a gente sentada na minha frente: pessoas sofridas, gastas pelo trabalho duro e pelo choque de chegar num paraíso falso que lhes exige grande sacrifício físico e emocional. Gaguejando numa língua alheia, com terror de serem julgadas pela autoridade “branca”, *el maestro* ou *la maestra* que às vezes não conhece nada de seus antecedentes e nem quer conhecer.

Ao tentar abrandar o choque da chegada e criar, o mais cedo possível, uma espécie de santuário dentro da aula em que todos possam ficar à vontade e começar a desenrolar as línguas e os preconceitos, torno-me autobiográfico: trago os papéis de naturalização do meu pai e da minha avó paterna, conto umas histórias da minha juventude em Nova Iorque numa família mista: meu pai, um judeu alemão, emigrou de Düsseldorf em 1936; meu avô materno, um marinheiro dinamarquês, pulou do navio na bahia de Galveston em 1918, um “molhado” europeu que cruzou a fronteira às escondidas como muitos dos meus alunos e encontrou a minha avó irlandesa-católica em Detroit. Depois de introduzir minhas raízes, peço aos *educandos* para contarem algo das suas histórias. Dependendo do tamanho da turma isso pode levar dias ou até semanas. No princípio, falo e ouço bastante espanhol. Quero que eles expressem as suas idéias e as suas emoções desembaraçadamente e que me revelem suas verdadeiras personalidades logo no começo. Se não entendo uma frase ou uma palavra, peço que eles expliquem ou usem um sinônimo. Quero estabelecer um reino da linguagem, pois, ao valorizar o idioma nativo, saliento a primazia das palavras como agentes de comunicação.

Pergunto muito. Os mexicanos e centro-americanos são, em geral, muito mais introvertidos do que os brasileiros, e precisam de bastante encorajamento para se abrirem, mesmo na sua língua nativa. Quero que todo mundo entenda que as perguntas e respostas devem ser o sangue vivo do diálogo. Acho importante que eles escutem o meu espanhol esquisito e vejam que isso não me impede de comunicar com eles numa variedade de assuntos, a menos que haja na sala alguns perfeccionistas que têm medo de errar. Se puder, todo facilitador de idiomas deve ser palhaço, pois é preciso romper de modo espontâneo e leve a ansiedade contínua com que os adultos enfrentam a tarefa (que eles imaginam ser infantil) de aprender um idioma novo.

Na escola primária da Avenida Normandie (perto do foco do motim civil de 1992), eu ensinava um grupo mães e avós que vinham estudar inglês depois de deixarem sua prole nos lugares certos. A escola contém mais de dois mil alunos que estudam ali (em quatro turnos) o ano todo, desde o jardim da infância até o quinto ano do primário. O corpo estudantil é composto de 49% de afro-americanos e 51% de latino-americanos e, durante o recreio, parece que “a aliança do arco-íris”, do reverendo Jesse Jackson, já está realizada em miniatura. Mas há um forte antagonismo entre os dois grupos. Do ponto de vista das minhas alunas, *los morenos* são invejosos porque elas têm comprado casas numa vizinhança tradicionalmente negra e porque suas famílias são mais empreendedoras, não tão dependentes do Welfare (assistência social) e tão pouco dos narcóticos e do álcool. Elas alegam que as professoras morenas atormentam as suas crianças, dizem ainda que as pessoas da cozinha (também morenas) roubam e vendem a comida destinada aos seus filhos e que eles sofrem dores de estômago porque não suportam comer o almoço frio e invariável que está posto e terminado em vinte minutos regimentais. Reclamam, também, que a área de refeições está imunda e que, quando ameaçados, “os morenos” sempre se defendem enquanto os latinos, segregados em grupos nacionais, se rivalizam. A comunicação entre as duas raças é nula. As latinas não entendem o linguajar afro-americano e sempre me perguntam se aquilo seria mesmo inglês. Tais opiniões tardam meses para mudar.

A conscientização é um processo lento. O nexa da discussão na nossa aula foi sempre quem cuidaria das crianças menores de idade (ou das que estavam entre turnos) durante a classe. Ninguém queria tomar conta dos filhos das outras sem ser paga e todo mundo achava que o cuidado não valia nem um dólar por criança. Finalmente, depois de mais de um ano de discussão contínua, uma aluna ativista (que nem tinha filhos na escola) disse que cuidaria de todos diariamente e sem cobrar nada para possibilitar o estudo ininterrupto de suas companheiras. Aí terminou a discussão. Depois de tantas horas de debate achei que essa fosse uma péssima solução do ponto de vista democrático, mas me calei. Era negócio delas e já estava cansado de expressar meus sentimentos sobre o assunto. Concordei com a opinião das mais envolvidas, mas reconheço que o meu “magistério” perdeu um certo ânimo, pois em um assunto tão básico a conscientização do grupo falhou.

Voltemos ao princípio do semestre. As narrações dolorosas dos educandos, cheias de pavor, humilhação e sacrifício vêm às vezes acompanhadas de lágrimas e ira. Essas emoções fortes são sempre bem-vindas: a turma fica mais à vontade, os nervos frágeis, relaxados pela expressão de memórias ligadas aos sentimentos fortes e há muito tempo contidos. As testemunhas, afetadas pela mostra das paixões revivenciadas, sentem suas próprias dores. Então, unida pelo sofrimento, a família da sala de aula se constrói. Agora, as que estavam chorando, às vezes estão sorrindo de alívio. O ambiente clareou e, então, a prática pode começar.

Um exemplo fundamental do diálogo é a apresentação. Nos primeiros dias de aula há várias saudações cordiais, praticadas com apertos de mão em grupos de duas ou três pessoas e acompanhadas pelas frases requisitadas: “Hello/How do you do? My name is.../What’s your name?” ou “I’d like you to meet.../This is my friend.../ Nice to meet you.../ Nice to meet you, too...”, que introduzem a formalidade constrangedora desses costumes europeus, tal como revelam algumas mulheres na sala de aula que nunca se acostumaram a oferecer a mão para um *saludo*. Mas, a apresentação pessoal também pode conter elementos autobiográficos importantes e tomar a forma de diálogo entre uma solista e o coro da turma. Essa prática pode ser inaugurada na primeira aula e se repete nos dias seguintes, seja em casa ou na escola. Assim, os educandos podem avaliar o seu progresso

tanto na pronúncia como na memorização e, aos poucos, se acostumam com as auto-apresentações no “palco”, em frente da turma. Se uma pessoa, em pé no palco, diz: “Hello/Good morning/good afternoon/good evening classmates” (dependendo da hora), o resto da turma responde:

Coro: Good morning, sir/madam. What is your name?

Solista: My name is Maria Vargas.

Coro: Where are you from, Maria Vargas?

Solista: I am from Guadalajara, Jalisco, Mexico.

Coro: Where do you live now, Maria Vargas?

Solista: I live at one five three North Berendo Street, apartment seven in Los Angeles, California.

Coro: Why are you here, Maria Vargas?

Solista: (com gestos) **I** (mãos tocando ombros) **am** (mãos estendidas para frente ao nível da cintura) **here** (mãos, palmas visíveis, apontam o chão) **to learn** (uma mão, em punho, bate na palma da outra) **to read** (mãos formam um “livro”), **to write** (o dedo indicador de uma mão “escreve” na palma da outra) **and to speak English** (o dedo indicador de uma mão toca os lábios e se estende, a palma acima, para frente; na palavra “English”, o pulso torce, a palma para baixo, e o braço se converte numa “flecha” apontando a meta) **so** (a mão manipula a manivela de uma porta imaginária) **I can become** (mão abre “a porta” e a solista passa pelo mundo bilíngüe) **a United States citizen** (nas palavras “United States” a solista fica de pé em posição de sentido, na palavra “citizen” ela põe a mão direita sobre o coração).

Esse exercício sinestésico, que eu chamo de “baile da cidadania”, quebra o gelo de uma aula inicial e ao mesmo tempo apresenta os participantes, reforça o seu estado de adultos, treina a memória pela repetição natural dos nomes e proveniências, ensaia a pronúncia de fatos importantes, claramente ditos em caso de emergência, e ensina uma série de palavras e gestos que combinam a diversão de um jogo com o poder de uma declaração. O divertimento contém toda a noção do diálogo ligado com os detalhes da existência das alunas. A timidez e a vergonha estão derramadas na troca antifonária da solista e do coro.

Se a linguagem é a chave da cultura, a pronúncia é a chave da mobilidade cultural. No *Pygmalion* de G.B. Shaw, uma humilde vendedora de flores é transformada numa *lady* pelas experiências de um pedante de pronúncia que varia o sotaque “Cockney” da sua aluna bonita pelo dialeto “Oxbridge” da nobreza, criando, assim, sua ascensão relâmpago na escala social. A sociedade norte-americana, debaixo da fachada igualitária, oculta suficiente consciência de classe. Um físico imaginário, visitando o Cal Tech e contemplando o cosmo das ruas de Pasadena na alta madrugada, não pode imaginar que ninguém caminhe à noite em determinados bairros sem ser suspeito, fala para o policial que o interroga: “Ai yan fron Mejico” e fica preso por conta do seu sotaque de imigrante ilegal. Então, trabalhamos nas terminações (que os faladores da versão americana do castelhano tendem a engolir) junto com as combinações estranhas de vogais e consoantes num idioma, que embora compartilhe centenas de palavras de raízes latinas com seus primos românicos, é cheio de truques quando se trata da pronúncia das letras e das sílabas.

Tenho desenvolvido nomes para algumas das posições estranhas que o inglês exige dos lábios, da língua e do maxilar. Comparado ao espanhol do Novo Mundo, que se pode falar com a boca estreita de um ventríloquo, a versão atual do idioma de Shakespeare, mesmo se for falado menos correntemente, requer que as mandíbulas se abram e que os lábios e a língua sejam relativamente ágeis. O som “er”, muito comum na nossa língua, pede uma breve extensão dos lábios que eu denomino “boca de peixe” ou “boca de beijo”, alegando que os ensaios diligentes premiarão os praticantes com poderes osculatórios superiores. O riso ajuda nas repetições e correções que seriam, de outra maneira, insuportáveis. A formação de “th”, em que a língua deve aparecer e desaparecer rapidamente entre os dentes, chamamos de “língua de cobra” e a de “ve” que requer uma leve mordida do lábio posterior para se distinguir do “be”, são outros pontos de concentração. Todas essas operações podem ser arduamente embaraçosas para os adultos, especialmente às senhoras, se não forem tratadas com compaixão e ternura. Entretanto, os educandos latino-americanos têm sua própria taquígrafia oral em que se pronuncia tudo como se fosse espanhol ou português. É um

dialeto insalubre para os pedantes escutarem, porque enquanto faz absoluto sentido, também explode toda a diligência fonética posta na mudança dos sons.

Talvez a convicção estudantil mais difícil de dissipar seja aquela esperança que se pode dominar um idioma somente indo à aula. Ao contrário dos imigrantes russos que aprendem que em um ano podem abrir negócios e submeter-se a exames profissionais, ou dos coreanos e dos japoneses disciplinados por muitos anos de duro labor escolar, a maioria dos educandos latino-americanos se aproximam da língua inglesa cabisbaixos. Recentemente, eu quis saber de uma turma nova, de quarenta e poucos alunos, quantos já falavam algum inglês: somente três mãos se levantaram. Quando repeti a pergunta em espanhol, vi o gesto mimético para pouquinho: uma separação de milímetros entre o polegar e o indicador, a cabeça inclinada ao lado transmitindo o senso de humilhação. Nesses casos, costumo fazer uma brincadeira com gestos apropriados: “se eu pudesse encher os seus crânios com o inglês como se enche o tanque de um carro com gás, vocês me pagariam qualquer preço e sairiam imediatamente da aula”. Quase todo mundo concordou sorrindo: aquilo seria o ideal.

Para mim, a aula ideal combinaria teatro, laboratório e usina, em que a linguagem trazida de fora poderia ser atuada, analisada e desconstruída como as peças de uma máquina. Assim, se veria claramente a função individual de cada parte e se conheceria melhor como funcionam quando estão armadas. As vicissitudes da vida são o verdadeiro mestre. Eu sou apenas um facilitador, tradutor dos signos e detetive da gramática, um poeta biruta proclamando a beleza das línguas, um missionário poliglota pregando o evangelho arcaico do diálogo humano na idade dos computadores, que tanto “falam” e mostram que não há mais necessidade da *tête-à-tête*.

Uma das razões para que a educação popular fosse um conceito tão difícil de amestrar, analisar e descrever, ao menos na sua versão libertadora, talvez possa ser sua postura democrática *ipso facto* contra a natureza das sociedades hierárquicas e classistas como a nossa. Paulo Freire assumiu, como bom budista, que os seres humanos poderiam ser livres somente se eles deixassem de lado a tendência ao sofrimento e à desilusão. A meu ver, ele era um educador intelectual, espiritualmente astuto e que delineou preceitos inoperáveis dentro de uma pedagogia democrata que dependia, ao menos no Brasil, de uma revolução que nunca chegou. Os oprimidos brasileiros, hoje em dia, são relativamente ainda mais numerosos e mais carentes que trinta e poucos anos atrás, quando me descobri entre eles. Uma herança duradoura da rapinagem colonial tornada imperialista é a dialética mestre/escravo que Freire tão nitidamente esclarece na *Pedagogia do Oprimido*. Depois de quinhentos anos disso, o desespero popular no nordeste brasileiro é mais evidente do que nunca. Os queixumes e as misérias que ouço nas minhas aulas em Los Angeles nem sequer alcançam a sombra das conseqüências desastrosas do abismo crescente entre os possuidores e os invisíveis do Brasil.

Na economia atual da Califórnia (que seria a sexta do mundo se o estado fosse país), as classes de trabalhadores, incluindo a maioria dos imigrantes, são, ao menos parcialmente, protegidas pelo sistema dos benefícios estaduais e federais. A educação pública, embora muito problemática, ainda é gratuita e ao alcance de todos, o clima é maravilhoso, os aluguéis razoáveis (ao menos na minha vizinhança) e a comida universalmente variada, barata e fresquinha. Por isso, grande parte dos imigrantes quer adotar a cidadania local e trazer os seus familiares para cá. Eu digo aos meus educandos que eles são verdadeiros peregrinos, audazes que nem os puritanos da *Mayflower*. Seus contos de como cruzaram a fronteira são mais aventureiros que o último filme de Arnold Schwarzenegger. Os seus filhos assimilados e bilíngües estão nas universidades dando razão ao orgulho dos pais. Os menos afortunados ainda estão trabalhando (seja em becos sem saída, na virada nacional pela tecnologia) ou vivendo a versão *gangster* do sonho americano com seus “homies” nas ruas e nas penitenciárias onde, ao menos na Califórnia, a comida é farta, há televisão e, nos recreios os machos afro- e latino-americanos podem se curtir ao sol da praça interna e esculpir os corpos armadurados levantando pesos enquanto alimentam o tradicional ódio inter-racial.

Dentro de pouco tempo, os latino-americanos vão ser a maioria da população de Los Angeles. O atual distrito escolar da cidade contém setecentos mil alunos e, a cada ano, está sendo acrescen-

tado dez mil alunos. O distrito carece de escolas para tamanha multidão. Paralelamente, parece ser que foram extraviados novecentos milhões de dólares empenhados pelo estado para pagar pela construção de cem novas escolas. Nove mil instrutores estão lecionando sem licença e trezentas aulas estão sendo conduzidas por substitutos. O Estado está ameaçando tomar conta dessas escolas enfraquecidas. É incrível que no segundo distrito da nação, em tamanho (uma organização de sete bilhões de dólares), ocorra tamanho descaso com a população. Uma das principais razões é que a maioria absoluta (70%) dos alunos é latino-americano. Desde 1978, o distrito construiu somente oito escolas, enquanto a matrícula escolar cresceu em mais de cento e cinquenta mil estudantes³. Por causa disso as escolas funcionam o ano todo e milhares de alunos têm que ir de ônibus para escolas que estão fora de seus bairros de residência. O Distrito Escolar Unificado de Los Angeles (LAUSD) é um dinossauro; uma burocracia gigante e muito lenta que não funciona para o bem estar da população.

Entendo que muito depende da vontade da comunidade latino-americana de Los Angeles em aceitar a sua própria cidadania e os deveres aí incluídos. A luta continua. A distância entre ricos e pobres cresce aqui também. O racismo mostra seu rosto feio até em Sacramento, capital do estado da Califórnia onde, durante oito anos, agora misericordemente concluídos, o governador republicano Pete Wilson assolava a imagem dos imigrantes vindos do sul do hemisfério, ao mesmo tempo que tentava lhes anular os direitos constitucionais. Ninguém vai dar nada aos latinos. Eles vão ter que lutar, ter ânimo e não só esperar a caridade do sistema, senão correm o risco de perder o sonho tão prevalente de *poder volver* à pátria. Enquanto eles viverem com os pés aqui e o coração lá, os imigrantes não vão encontrar o necessário espírito de luta. Nem se criarão cidadãos que superem as fortes barreiras econômicas e sociais que obstaculizam sua inserção decisiva na sociedade norte-americana. Por enquanto, eles são vistos apenas como grupo crescente de consumidores famintos. O seu materialismo inerente, fruto natural da carência do passado, está sendo explorado pelo novo capitalismo mundial. As distrações do divertimento comercializado e do nacionalismo antiquado, junto ao cansaço que vem do labor pesado e da luta contínua de se estabelecer, sem nenhum treinamento, numa cultura ao mesmo tempo sofisticada, secular e xenofóbica, ameaçam acabar com o bom senso instintivo e a sabedoria natural de um povo intimamente ligado, no seu sangue mestiço, às gerações de agricultores, extrativistas e sobreviventes de grandes choques culturais. A sua fecundidade é uma espada de dois gumes: pode contribuir para que sejam a maioria da população na cidade de Los Angeles, mas, também, (se não vier acompanhada de muita luta e uma clara estratégia política de unificação dos interesses das várias facções, inclusive dos imigrantes mais novos) suas vidas podem virar um pesadelo, sem as possibilidades e os privilégios tão procurados e merecidos por esse povo lutador.

³ Os dados estatísticos são do jornal *The Los Angeles Times*, edição de 16/10/99.